

SÃO PAULO, SP, 16 DE AGOSTO DE 2002

*Meu caro Governador e amigo, Geraldo Alckmin; Senhores Ministros aqui presentes, nomeadamente o da Saúde, Doutor Barjas Negri; Senhores Embaixadores; Senhores Senadores, Parlamentares; Mas com muito carinho, Dona Violeta e Doutor Raul; E todos aqui presentes,*

Queria só dizer-lhes da satisfação de estar, mais uma vez, aqui. E digo mais uma vez, porque sou não só amigo da família Cutait – já era de seu pai –, mas paciente do hospital. Já estive aqui algumas vezes e me saí bem. Não tão bem como quem nasce em Águas de São Pedro, mas estou com 71 anos e, por enquanto, agüentando.

Sei do entusiasmo pelo que fazem e do carinho de todas as pessoas que trabalham neste hospital. Recordo-me de que, há alguns anos, vindo aqui para a inauguração deste edifício, nós visitávamos o edifício antigo. Fiz uma observação quando fui me dirigir ao público que estava presente. Para mim, o sintoma, o sinal de um país desenvolvido não é quando ele faz coisas novas apenas, é quando ele consegue manter o que tem. Isto aqui é um exemplo de hospital, porque ele cresceu, fez novos edifícios, mas manteve o que tinha, em bom estado.

Agora, ao visitar, outra vez, o Centro de Oncologia, da mesma maneira eu senti o quanto há desse espírito, que é o verdadeiro espírito de desenvolvimento. Não só de crescimento, mas de desenvolvimento, que implica a conservação e a manutenção do que se tem, sobretudo dos valores. E no caso, aqui, da comunidade árabe, sírio-libanesa de São Paulo, há valores que o Governador Alckmin descreveu da maneira mais direta, mais simples e melhor possível. São valores de solidariedade. Este aqui é um exemplo vivo de solidariedade. E dizer-se que já em 1921 se estava fazendo esse esforço, que continua.

Faço minhas, de novo, as palavras do Governador, ao chegar aqui, ao ver o entusiasmo das voluntárias. Isso é o que mostra a grandeza de uma nação. Uma nação se faz quando o seu povo é grande, quando o seu povo tem o sentimento de solidariedade, quando o seu povo tem, ao mesmo tempo, o discernimento necessário para que ele possa fazer o que tem de ser feito. Acho que o que estamos vendo aqui, hoje, é o exemplo disso.

Não preciso repetir os dados que já foram transmitidos aqui, mas, na verdade, temos um crescimento bastante forte de câncer, no Brasil. No ano passado, 300 mil casos novos, dos quais mais de 110 mil vieram a óbito. Isso é algo que mostra que temos que nos juntar nesse esforço.

É certo que o Governo sozinho não pode fazer. O SUS tem feito bastante, tem feito muito. Nós ampliamos muito as internações e as cirurgias com pacientes de câncer. Ampliamos, consideravelmente, em mais de 80% nestes últimos anos. Sei que o SUS tem tido um papel muito grande nesse processo todo. E estamos destinando recursos, já disse bem o Doutor Cutait. E recursos bem aplicados são os que mais satisfazem não só ao Ministro da Saúde, mas sobretudo ao da Fazenda. Mas, por mais que se usem recursos públicos, e temos que usá-los, eles serão sempre insuficientes, se não houver esse espírito que existe aqui, em São Paulo, que existe hoje pelo Brasil afora, mas que está simbolizado aqui, neste hospital, de uma verdadeira parceria pelo ser humano e uma parceria em benefício do bem-estar da população, não vamos poder avançar.

Temos muitos hospitais credenciados, no Brasil, para cuidar do câncer – 270, creio –, com apoio do SUS. Talvez mais tenham apoio do SUS.

Mas é preciso que haja os de vanguarda. Este aqui é de vanguarda. E vanguarda significa estar, realmente *up-to-date*, quer dizer, conhecendo as técnicas mais avançadas. E a presença aqui do diretor de um dos mais famosos hospitais do mundo é um testemunho de que este hospital tem uma ligação natural com centros de vanguardas no mundo. E só assim é que podemos, com este centro de alta complexidade, sobretudo em oncologia, avançar.

Já temos, no Brasil, mais de 20 centros de alta complexidade. Ainda agora, ao ver uma máquina dessas, extraordinária, que é melhor nunca precisar delas, o Doutor Buzaid nos mostrava uma máquina fantástica. E o médico encarregado daquele setor descreveu as vantagens dela. O Ministro da Saúde me disse que ele acabou de comprar mais seis máquinas dessas para colocar pelo Brasil afora.

Ou seja, estamos fazendo um esforço muito grande. Mas o Doutor Cutait tem insistido, também, em algo que é fundamental. Em matéria de câncer, como em matéria de doenças em geral, o melhor não é a cura, é a prevenção. E esse esforço para prevenção tem sido uma preocupação de todos nós, brasileiros.

Um programa chamado Viva Mulher, que o Ministério da Saúde implantou, realizou, mais ou menos, 33 milhões de exames preventivos, sobretudo de câncer do útero. Isso é o que tem que ser feito. E não é só a questão de evitar pela prevenção no hospital, fazendo um exame, mas é a contínua preocupação das pessoas com sua saúde.

Fumar faz mal à saúde. Isso é indiscutível, é preciso haver campanhas. Temos feito o que podemos para mostrar à população que o fumo é uma causa terrível. Eu perguntava, ainda há pouco, ao Doutor Cutait se a prevenção número um para a questão do câncer, sobretudo para o câncer de pulmão, é evitar o tabagismo. E isso é, realmente, fundamental.

Claro que não se podem resolver essas questões sem educação. E educação – o Ministro da Saúde e o da Educação sabem disso muito bem – é alguma coisa que, assim como a prevenção em geral, o Governo pode fazer, mas, sem as famílias, sem a sociedade, não se avança. Educar não é só transmitir conhecimento na sala de aula. Educar é, realmente,

uma atividade contínua de sociabilidade. É um transmitir ao outro valores, o exemplo, em primeiro lugar em casa e nas várias associações da sociedade e, naturalmente, o exemplo que deve ser dado por aqueles que dirigem o País. Mas é preciso que haja um casamento forte entre educação e saúde.

Esse tem sido o esforço que temos feito nestes anos todos em que assumi a Presidência da República, para avançarmos mais. Todos sabemos, também, que, na verdade, para que haja melhor resultado nos índices, para que a mortalidade infantil, por exemplo, possa cair mais depressa, precisamos não apenas de um atendimento direto à gestante e à criança, mas de condições sociais mais amplas de infra-estrutura, por exemplo, toda a questão de saneamento básico. Essa redução de mortalidade infantil a que se referiu o Governador Geraldo Alckmin está se dando em todo o Brasil. Nós conseguimos superar as metas que as Nações Unidas haviam apresentado para os países em desenvolvimento, que era de alcançar, eu creio, 30 ou 32 mortos em mil nascidos. Pois bem, nós estávamos com 48, em 94. Hoje nós, realmente, chegamos abaixo de 30, na média brasileira. Para chegarmos à base, na média brasileira, se em São Paulo há regiões em que a mortalidade infantil é de um dígito, isso significa que há muitas regiões do Brasil com dois dígitos e, às vezes, com mais de dois dígitos, o que é uma tragédia. Conseguir reduzir, na média, para um pouco abaixo de 30 significa que houve uma redução drástica nas áreas mais pobres do Brasil. E assim foi.

Não quero cansá-los com dados, mas, quando vai se verificar o que está acontecendo nessa matéria, nota-se que é no Nordeste, no Norte que a diminuição da mortalidade têm sido mais rápida. Não estamos satisfeitos, ainda, porque a média abaixo de 30 ainda é muito elevada, precisamos reduzir mais. E essa redução vai implicar a melhoria das condições gerais de vida da população, não é apenas uma questão específica. É claro que os programas de saúde da família ajudaram nisso. O Doutor Jatene está presente, foi Ministro da Saúde – e sabe o apreço que tenho por ele – e conseguiu gerar recursos para essa área e, mais do que isso, também conseguiu colocar foco na questão de médicos de família, que se manteve. O Ministro José Serra levou adiante e também

o Ministro César de Albuquerque e, agora, o Ministro Barjas Negri. Nós mudamos muito o modo como se encarava a questão da saúde pelo poder público, não só porque descentralizamos, através do SUS, essas parcerias todas, mas porque focalizamos, pela primeira vez, de maneira consistente, para as áreas realmente mais pobres. Isso significa o seguinte: que nós passamos o número de agentes comunitários de saúde, Doutor Jatene, de 28 mil, que havia no início do meu Governo, para mais de 150 mil. Estamos nos aproximando, creio eu, Ministro, de 160 mil. Isso é uma modificação imensa. Além dos médicos do Médico da Família, que é um programa específico, os agentes comunitários se ampliaram muito, e é isso que explica essa redução da mortalidade infantil.

Nós, agora, estamos complementando esse esforço. Eu queria anunciar, pela primeira vez, aqui, que nós conseguimos isso, graças à boa gestão Barjas Negri no programa chamado Bolsa-Alimentação, destinado a eliminar as carências nutricionais das crianças de 6 meses a 6 anos e também das gestantes, das nutrizes. Nós conseguimos alcançar 1 milhão ou, para ser preciso, 1 milhão e 5 mil e 38 bolsas-alimentação em 3 mil e 32 municípios. Quer dizer, já estamos criando mais um mecanismo de indução, porque não é só dinheiro que se dá, dinheiro esse que vai por via direta, por cartão magnético, não tem intermediação e proteção de vereador, de deputado, de ninguém. É direito que a mãe tem de receber esse recurso. Mas não é só isso, não é só o dinheiro, é a preocupação, porque é também através desses mecanismos que a família começa a ser preocupar mais com certos programas fundamentais para a melhoria do bem-estar da população.

A isso se soma o Programa Bolsa-Escola, que foi implementado pelo Ministro Paulo Renato e chegou a 9 milhões de bolsas. Fala-se nisso como se não fosse nada, mas chegar a alcançar 9 milhões de pessoas significa um trabalho imenso, porque é preciso fazer levantamento, verificar se são realmente os mais pobres, fazer o controle, evitar os desvios, que sempre um ou outro pode ocorrer, cobrar a execução do programa. São 9 milhões de crianças brasileiras que, hoje, recebem um estímulo através do apoio que se dá à mãe, outra vez através de cartão. Esses recursos se somam: é a Bolsa-Escola, é Bolsa-Alimentação, é o

Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, é a Loas (Lei Orgânica de Assistência Social), que é um programa que implantamos para atender – aí, sim, a minha terceira idade, eu tenho 67, mas não é meu caso – os que são carentes, que recebem um salário mínimo por mês. Enfim, um conjunto grande de programas, que nós chamamos de Rede de Proteção Social, que significa, na prática, o seguinte: todo o Imposto de Renda que o Governo Federal recebe das pessoas e das empresas, a parte que toca ao Governo Federal, mas isso ainda não alcança o conjunto de recursos que nós distribuimos diretamente à população. Nós estamos distribuindo diretamente, seja por intermédio desses programas, seja pelo Programa de Aposentadoria Rural, para aqueles que não cotizaram, que não deram nenhum tostão para a sua aposentadoria, 30 bilhões de reais. É mais do que se recolhe do Imposto de Renda.

De modo que, quando vejo certas pessoas dizerem: “Ah! Não sei o que fazem com meu imposto”, digo: “Pois bem, vamos ver! Está na Internet, está no SIAFI, vamos ver o que se faz com o imposto.” Mudam-se as condições sociais de vida dos mais carentes. É através desse tipo de esforço que estamos, efetivamente, fazendo com que o Brasil possa enfrentar os desafios que estamos vivendo com mais confiança em si. Mas essa confiança só existe mesmo, quando existem pessoas com capacidade de liderança, que reconheço no Doutor Raul Catait. Ele herdou as qualidades do pai. E reconheço que a nossa comunidade sírio-libanesa em São Paulo manteve as qualidades, e isso aqui é um exemplo. Dona Violeta, não vou nem dizer quantos anos ela tem, mas gostaria muito de chegar lá, e chegar com essa energia, com essa força e com essa crença na capacidade de fazer pelo bem de um povo.

Termino deixando aqui o meu abraço mais sincero, mais solidário a todos vocês. Muito obrigado.